

CIXIN LIU



A FLORESTA
SOMBRIA

TRADUÇÃO
Leonardo Alves



Copyright © 2008 by 刘慈欣 (Liu Cixin)

Mediante acordo com China Educational Publications Import & Export Corporation Ltd.
Todos os direitos reservados.

Traduzido da edição americana (The Dark Forest)

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

黑暗森林

Capa

Rodrigo Maroja

Foto de capa

agsandrew/ Shutterstock

Preparação

Gustavo de Azambuja Feix

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Dan Duplat

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Liu, Cixin

A floresta sombria / Cixin Liu ; tradução Leonardo
Alves. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma, 2017.

Título original: The Dark Forest.

ISBN 978-85-5651-050-1

1. Ficção científica 2. Ficção chinesa – Escritores
chineses I. Título.

17-07367

CDD-895.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura chinesa 895.13

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

DRAMATIS PERSONAE

ORGANIZAÇÕES

| | |
|------|-------------------------------------|
| OTT | Organização Terra-Trissolaris |
| CDP | Conselho de Defesa Planetária |
| CCFS | Conferência Conjunta da Frota Solar |

LISTA DE PERSONAGENS

Os nomes chineses são escritos com o sobrenome na frente.

| | |
|----------------|--|
| Luo Ji | Astrônomo e sociólogo |
| Ye Wenjie | Astrofísica |
| Mike Evans | Financiador e principal líder da OTT |
| Wu Yue | Capitão de mar e guerra da Marinha chinesa |
| Zhang Beihai | Comissário político da Marinha chinesa; oficial da Força Espacial Chinesa |
| Chang Weisi | General do Exército da Libertação Popular; comandante da Força Espacial Chinesa |
| George Fitzroy | General americano; coordenador do Conselho de Defesa Planetária; adido militar ligado ao projeto Hubble II |
| Albert Ringier | Astrônomo do Hubble II |
| Zhang Yuanchao | Funcionário recém-aposentado de uma indústria química de Beijing |
| Yang Jinwen | Professor aposentado de ensino fundamental de Beijing |
| Miao Fuquan | Magnata do carvão de Shanxi; vizinho de Zhang e Yang |
| Shi Qiang | Oficial do departamento de segurança do CDP, também chamado Da Shi |
| Shi Xiaoming | Filho de Shi Qiang |

| | |
|-----------------|---|
| Kent | Representante do CDP |
| Say | Secretária-geral da ONU |
| Frederick Tyler | Ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos |
| Manuel Rey Diaz | Ex-presidente da Venezuela |
| Bill Hines | Neurocientista inglês; ex-presidente da União Europeia |
| Keiko Yamasuki | Neurocientista; esposa de Hines |
| Garanin | Presidente rotativo do CDP |
| Ding Yi | Físico teórico |
| Zhuang Yan | Estudante de pós-graduação da Academia Central de Belas-Artes |
| Ben Jonathan | Comissário especial da Conferência Conjunta da Frota Solar |
| Dongfang Yanxu | Comandante da <i>Seleção Natural</i> |
| Xizi | Capitã de corveta e oficial científica da <i>Quantum</i> |

PRÓLOGO

A formiga marrom tinha esquecido que aquele lugar já fora sua casa. Para o crepúsculo da Terra e para as estrelas que começavam palidamente a aparecer, o intervalo de tempo talvez fosse insignificante, mas não para a formiga, que tinha a impressão de que séculos haviam passado. Em dias já esquecidos, seu mundo havia virado de cabeça para baixo: o solo alçara voo, deixando um amplo e profundo abismo, antes de voltar a ser preenchido, completamente. Em uma das extremidades da terra remexida havia uma solitária formação preta. Este tipo de coisa costumava acontecer muito naquele vasto território: a saída e o retorno da terra, abismos abertos e preenchidos, formações rochosas que despontavam como marcadores visíveis a cada transformação catastrófica. Durante o pôr do sol, a formiga e centenas de suas irmãs haviam escoltado a rainha sobrevivente para estabelecer um novo império. Aquele retorno era só um acaso em sua busca por comida.

A formiga alcançou a base da formação, sentindo com suas antenas a presença indomável. Ao constatar que a superfície era dura e escorregadia, mas ainda possível de ser escalada, passou a subir, seguindo apenas a turbulência aleatória de sua simplória rede neural. Havia turbulência em tudo, em cada folha de grama, em cada gota de orvalho, em cada nuvem no céu e em cada estrela. A turbulência carecia de propósito, mas, em meio à quantidade colossal de turbulência despropositada, o propósito emergia.

A formiga sentiu vibrações cada vez mais intensas no solo e soube que outra presença gigante se aproximava, mas ignorou o fato e continuou subindo. No ponto em que a base da formação fazia um ângulo reto com o solo, havia uma teia de aranha, e isso a formiga conhecia. Ela manteve uma distância cuidadosa dos fios pegajosos e da aranha, que esperava com as patas estendidas, para sentir vibrações na teia. Uma estava ciente da presença da outra, mas — tal como fora desde o começo dos tempos — não houve qualquer comunicação.

As vibrações se intensificaram e, então, pararam. O ser gigantesco havia chegado à formação. Era muito maior do que a formiga e ocultava a maior parte do céu. A formiga conhecia seres daquele tipo, criaturas vivas que apareciam com frequência naquela região. Sabia que aquela presença tinha alguma relação íntima com os abismos efêmeros e as formações que se multiplicavam.

A formiga continuou escalando, certa de que aqueles seres, quase sempre, não representavam ameaça. Mais abaixo, a aranha encontrou uma daquelas raras exceções quando o ser, que evidentemente percebera a aranha entre a formação e o solo, arrancou a teia com os caules de um buquê de flores, que estava na ponta de um de seus membros, lançando a aranha em cima do mato, antes de colocar as flores com cuidado na frente da formação.

Depois, outra vibração mais fraca, porém de crescente intensidade, informou à formiga que outro ser vivo da mesma espécie estava vindo em direção à formação. No mesmo instante, a formiga encontrou uma fenda comprida, uma depressão na superfície da formação que tinha uma textura mais áspera e uma cor diferente: bege. Ela seguiu pela fenda, pois a textura áspera facilitava a escalada. Em cada extremidade da fenda havia outra menor e mais estreita: uma base horizontal, a partir de onde a fenda principal saía, e uma fenda superior que formava um ângulo com a maior. Quando a formiga voltou para a superfície preta lisa, havia formado uma impressão geral do formato das fendas: “1”.

A altura do ser diante da formação caiu pela metade, de modo que ele ficou mais ou menos do mesmo tamanho da formação. Evidentemente, havia se ajoelhado, revelando atrás de si um pedaço de céu azul-escuro, onde as ainda poucas estrelas começavam a brilhar um pouco mais forte. Os olhos do ser examinaram a parte de cima da formação, e a formiga considerou por um instante se devia invadir a linha de visão da criatura. Preferiu mudar de direção e começou a andar em paralelo ao chão, chegando logo a outra fenda e desfrutando a agradável sensação dos passos na textura áspera. A cor bege lembrava os ovos que cercavam sua rainha. Sem hesitar, a formiga seguiu para baixo pela fenda. Depois de alguns passos, o traço ficou mais complicado, uma curva que se estendia por baixo de um círculo fechado. Aquilo lembrava a formiga do processo de procurar informações olfativas até encontrar o caminho de volta para o formigueiro. Um padrão se estabeleceu em sua rede neural: “9”.

Depois, o ser ajoelhado na frente da formação fez um barulho, uma série de barulhos que ia muito além da capacidade de compreensão da formiga:

— Estar vivo é uma dádiva. Se você não consegue compreender isso, como poderá buscar algo mais profundo?

O ser emitiu um som que parecia uma brisa soprando pela grama, um suspiro, e se levantou.

A formiga continuou andando paralelamente ao chão e entrou em uma terceira fenda, praticamente vertical, até se virar: “7”. Ela não gostou dessa forma. Uma virada brusca e repentina costumava significar perigo ou batalha.

Como a voz do primeiro ser havia disfarçado as vibrações, só naquele momento a formiga percebeu que a segunda criatura já estava junto da formação. Mais baixa e frágil, a criatura tinha cabelos brancos, que contrastavam com o fundo azul-escuro do céu e balançavam como fios de prata no vento, ligados de alguma forma à quantidade crescente de estrelas.

O primeiro ser se levantou para receber a outra criatura.

— A senhora é a dra. Ye?

— Você é... Xiao Luo?*

— Luo Ji. Estudei na mesma escola que Yang Dong no ensino médio. Por que a senhora está... aqui?

— É um lugar agradável e fácil de chegar de ônibus. Ultimamente tenho vindo caminhar aqui com alguma frequência.

— Meus sentimentos, dra. Ye.

— É página virada...

Na formação, a formiga queria se virar na direção do céu, mas descobriu mais uma fenda na sua frente, idêntica àquela com forma de “9” que havia percorrido antes do “7”. Ela continuou no sentido horizontal pelo “9”: mesmo sem saber por quê, achava melhor do que o “7” e o “1”. Seu senso estético era primitivo e unicelular. O prazer indefinido que sentira ao caminhar pelo “9” ficou mais forte. Um estado de felicidade primitivo e unicelular. A estética e o prazer, duas células espirituais, nunca tinham evoluído na formiga: não haviam mudado no último bilhão de anos, e não mudariam no bilhão de anos seguinte.

— Xiao Luo, Dong Dong falava muito de você. Dizia que você trabalha com... astronomia?

— Isso mesmo, trabalhava. Atualmente sou professor universitário de sociologia. Aliás, dou aula na sua faculdade, mas a senhora já estava aposentada quando comecei.

— Sociologia? É uma mudança bem grande.

— Pois é. Yang Dong sempre dizia que eu não tinha foco.

— Ela não estava brincando quando mencionou que você era inteligente.

— Inteligente não só esperto. Nunca cheguei nem perto do nível da sua filha. Para mim a astronomia era como um bloco impenetrável de ferro. Já a sociologia

* *Xiǎo* é um diminutivo que significa “pequeno” ou “jovem” e é empregado antes de um sobrenome ao se dirigir a crianças ou como demonstração de afeto.

é como uma tábua de madeira: com certeza deve ter algum ponto fino o suficiente para atravessar com um soco. É mais fácil.

Na esperança de encontrar outro “9”, a formiga continuou o trajeto horizontal, mas o que achou na sequência foi uma linha horizontal completamente reta, como a primeira fenda, só que mais longa do que o “1”, deitada de lado e sem fendas menores nas pontas. Uma forma de “-”.

— Você não deveria falar assim. Tem a vida de uma pessoa normal. Nem todo mundo consegue ser como Dong Dong.

— Eu realmente não tenho essa ambição. Vou levando.

— Tenho uma sugestão. Que tal estudar sociologia cósmica?

— Sociologia cósmica?

— Um nome escolhido ao acaso. Digamos que exista uma quantidade imensa de civilizações distribuídas pelo universo, um número semelhante à quantidade de estrelas que podemos detectar. Muitas e muitas. Essas civilizações compõem o corpo de uma sociedade cósmica. Sociologia cósmica é o estudo da natureza dessa supersociedade.

A formiga não tinha avançado muito na formação. Queria ter encontrado um agradável “9”, mas acabou se deparando com um “2”, com uma curva inicial confortável e uma virada brusca no fim, tão assustadora quanto a do “7”. A premonição de um futuro incerto. A formiga continuou em frente até a fenda seguinte, uma forma fechada: “0”. A trilha parecia fazer parte de um “9”, mas era uma armadilha. A vida precisava de suavidade, mas também de direção. Não se podia sempre voltar ao ponto de origem. Isso a formiga compreendia. Embora houvesse outras duas fendas mais adiante, a formiga perdeu o interesse e voltou a subir.

— Mas... a nossa civilização é a única que conhecemos por enquanto.

— E é por isso que ninguém nunca estudou sociologia cósmica. A oportunidade está nas suas mãos.

— Fascinante, dra. Ye. Por favor, continue.

— Penso que é possível unir as suas duas disciplinas. A estrutura matemática da sociologia cósmica é muito mais clara que a da sociologia humana.

— Por que a senhora diz isso?

Ye Wenjie apontou para o céu: o pôr do sol seguia iluminando o oeste. Como ainda era possível contar as estrelas que despontavam, era fácil lembrar como o firmamento estivera pouco antes: uma imensidão vazia e azul, ou um rosto sem pupilas, como uma estátua de mármore em um jazigo. Agora, embora fossem poucas as estrelas, os olhos gigantes tinham pupilas. O vazio estava preenchido. O universo enxergava. As estrelas eram minúsculas, meros pontos cintilantes de prata que insinuavam algum desconforto por parte do escultor cósmico, que se sentira compelido a cobrir o universo com pupilas, mas tinha um terror absoluto

quanto a lhe conceder a visão. Esse equilíbrio de medo e desejo resultou no tamanho diminuto das estrelas em meio à imensidão do espaço, uma declaração de cautela acima de tudo.

— Está vendo que as estrelas são pontos? O caos e a aleatoriedade que fazem parte da composição complexa de cada sociedade civilizada do universo são filtrados pela imensa distância, então essas civilizações funcionariam como pontos de referência que podem ser manipulados matematicamente com relativa facilidade.

— Mas não existe nenhum objeto concreto de estudo nessa sua sociologia cósmica, dra. Ye. Não é possível fazer pesquisas e experimentos.

— Bem, isso significa que o resultado final será estritamente teórico. Como geometria euclidiana, você estabelecerá alguns axiomas iniciais simples e, a partir dessa base, vai derivar um sistema teórico.

— Isso é tudo muito fascinante, mas quais seriam os axiomas da sociologia cósmica?

— Primeiro: a principal necessidade de uma civilização é a sobrevivência. Segundo: a civilização cresce e se expande continuamente, mas a matéria total do universo permanece constante.

A formiga não avançara muito quando percebeu que havia outras fendas mais para o alto, e muitas formavam um labirinto complicado. Ela as identificava e tinha certeza de que conseguiria decifrá-las, mas a capacidade limitada de armazenamento de sua minúscula rede neural a obrigaria a esquecer as formas que já havia percorrido. A formiga não lamentava esquecer o “9”, pois o esquecimento constante fazia parte da vida. Poucas eram as lembranças que ela precisava guardar para sempre, e essas reminiscências estavam gravadas na área de armazenamento conhecida como instinto.

Depois de esvaziar a memória, a formiga entrou no labirinto. Após navegar pelas curvas e dobras, estabeleceu outro padrão em sua consciência simples: o caractere chinês 墓 — *mu*, ou “túmulo”, embora a formiga não conhecesse o caractere nem o significado. Mais para cima, outra combinação de fendas, muito mais simples. Apesar disso, para continuar explorando, a formiga precisaria liberar a memória e esquecer o *mu*. Ela entrou em uma fenda maravilhosa de linhas, uma forma que a fazia pensar no abdome de um grilo cujo corpo havia encontrado pouco antes. A formiga logo percorreu a estrutura nova: 之, *zhi*, vocábulo chinês que indica posse. Depois, ainda subindo, achou outras duas combinações de fendas: a primeira era formada por duas depressões em forma de gota e um abdome de grilo — 冬, *dong*, ou “inverno”. A de cima tinha duas partes separadas, que juntas compunham o caractere 楊 — *yang*, ou “choupo”. Essa foi a última imagem de que a formiga se lembrou, e a única que sua memória guardou depois de toda a jornada. As formações interessantes que tinham surgido antes haviam desaparecido.

— Esses dois axiomas são sociologicamente fortes... mas a senhora formulou tudo muito rápido, como se já tivesse refletido sobre o assunto — ponderou Luo Ji, um pouco surpreso.

— Eu passei a maior parte da vida pensando nisso, mas nunca falei com ninguém. Não sei muito bem por quê... Mais um detalhe, para elaborar uma imagem elementar da sociologia cósmica a partir desses dois axiomas, você precisa considerar outros dois conceitos importantes: desconfiança em cadeia e explosão tecnológica.

— Termos interessantes. Como a senhora explicaria esses conceitos?

Ye Wenjie olhou para o relógio.

— Não temos tempo. Mas você é inteligente e vai conseguir entender ambos. Se usar esses dois axiomas como ponto de partida para sua disciplina, é bem possível que acabe se tornando o Euclides da sociologia cósmica.

— Não sou nenhum Euclides. Mas vou me lembrar do que a senhora disse e experimentar. Talvez em algum momento eu precise pedir sua orientação.

— Receio que não será possível... Nesse caso, apenas esqueça tudo o que falei. Seja como for, cumpra minha obrigação. Bom, Xiao Luo, preciso ir embora.

— Cuide-se, professora.

Na tarde crepuscular, Ye Wenjie partiu para seu último compromisso.

A formiga continuou escalando e chegou a uma bacia redonda na rocha, cuja superfície lisa exibia uma imagem extremamente complicada. Sabia que sua minúscula rede neural jamais conseguiria registrar aquilo, mas, depois de determinar os traços gerais da imagem, a estética primitiva unicelular se estimulou da mesma maneira como havia acontecido com a percepção do “9” e, de algum jeito, a formiga aparentemente reconheceu parte da imagem, um par de olhos. A formiga era sensível a olhos, pois o olhar representava perigo. No entanto, não sentiu ansiedade naquele momento, pois sabia que não havia vida naqueles olhos. Ela já havia esquecido que, quando o ser gigantesco chamado Luo Ji se ajoelhou em silêncio diante da formação, ele tinha olhado para aqueles olhos. A formiga saiu da bacia e escalou para cima do cume da formação, sem qualquer sentimento de imponência em relação aos arredores, pois não tinha medo de cair. Já havia sido derrubada pelo vento de lugares mais altos muitas outras vezes sem se machucar. Sem medo de altura, é impossível reconhecer a beleza de lugares altos.

Ao pé da formação, a aranha que Luo Ji havia afastado com as flores estava começando a reconstruir a teia. Lançou um fio brilhante a partir da superfície rochosa e se balançou até o chão, como se fosse um pêndulo. Depois de outras três balançadas, o esqueleto da teia estava pronto. A teia poderia ser destruída dez mil vezes: dez mil vezes seria reconstruída pela aranha. Não havia irritação, nem desespero, nem alegria, e nunca houve por um bilhão de anos.

Luo Ji guardou um momento de silêncio e também foi embora. Depois que as vibrações no solo se dissiparam, a formiga desceu da formação por um caminho diferente e voltou às pressas ao formigueiro, para relatar a localização de um besouro morto. As estrelas tinham se multiplicado no céu. Quando a formiga passou pela aranha na base da formação, uma sentiu a presença da outra, mas elas não se comunicaram.

Enquanto aquele mundo distante prendia a respiração para tentar escutar, a formiga e a aranha ignoravam que, entre todos os seres vivos da Terra, as duas foram as únicas testemunhas do nascimento dos axiomas da civilização cósmica.

Mais cedo, na calada da noite, parado na proa do *Juízo Final*, Mike Evans contemplava o oceano Pacífico deslizar à sua volta, como um lençol de seda sob o firmamento. Evans gostava de conversar com o mundo distante em momentos assim, porque o texto exibido pelo sófon em suas retinas fazia um contraste maravilhoso diante do mar e do céu noturno.

Esta é nossa vigésima segunda conversa em tempo real. Enfrentamos algumas dificuldades em nossa comunicação.

— Sim, senhor. Percebi que vocês não compreendem uma parcela considerável do material de referência que entregamos sobre a humanidade.

Sim. Você explicou as partes com muita clareza, mas não conseguimos compreender o todo. Tem alguma coisa diferente.

— Só uma coisa?

Sim. Mas às vezes parece que falta algo em seu mundo, e em outras parece que há algo a mais, e não sabemos quando é um caso e quando é outro.

— Qual é o elemento que causa confusão?

Estudamos com cuidado seus documentos e descobrimos que o segredo para a compreensão do problema reside em um par de sinônimos.

— Sinônimos?

Seus idiomas têm muitos sinônimos perfeitos e aproximados. No primeiro idioma que recebemos de vocês, o chinês, havia palavras que expressavam o mesmo sentido, como “frio” e “fresco”, “pesado” e “maciço”, “longe” e “distante”.

— Qual dos pares de sinônimos criou o obstáculo à compreensão que o senhor acabou de mencionar?

“Pensar” e “dizer”. Para nossa surpresa, acabamos de descobrir que essas duas palavras não são exatamente sinônimas.

— Não são, mesmo. Essas palavras são diferentes.

Na nossa opinião, não deveriam ser. “Pensar” significa realizar atividade mental com os órgãos do pensamento. “Dizer” significa comunicar o conteúdo dos pensamentos a um terceiro. Em seu mundo, isso é feito pela modulação de vibrações no ar produzidas pelas cordas vocais. Essas definições estão corretas?

— Sim. Mas já não demonstram por si que “pensar” e “dizer” não são sinônimos?

Na nossa opinião, demonstram que são sinônimos.

— Posso pensar na questão por um instante?

Muito bem. Nós dois precisamos pensar na questão.

Durante dois minutos, Evans mergulhou em pensamentos, em meio às ondas que dançavam sob as estrelas.

— Senhor, quais órgãos vocês usam para se comunicar?

Não temos órgãos para comunicação. Nosso cérebro exhibe nossos pensamentos para o mundo exterior, e assim nos comunicamos.

— Exibe os pensamentos? Como se faz isso?

Os pensamentos em nosso cérebro emitem ondas eletromagnéticas em todas as frequências, incluindo as que enxergamos como luz visível. Podemos exibir pensamentos a uma distância considerável.

— Então isso significa que, para vocês, pensar é falar?

E, portanto, são sinônimos.

— Ah... Não é o que acontece conosco... Mesmo assim, isso não deveria constituir um obstáculo para a compreensão de nossos documentos.

É verdade. Nas áreas de pensamento e comunicação, não existem grandes diferenças entre nossas espécies. Ambas têm cérebro, e nossos cérebros produzem inteligência por meio de uma imensa quantidade de conexões neurais. A única diferença é que nossas ondas cerebrais são mais fortes e podem ser recebidas diretamente por nossos companheiros, eliminando a necessidade de órgãos para comunicação. Essa é a única diferença.

— Não sei. Talvez estejamos ignorando uma diferença crucial. Senhor, gostaria de refletir mais um pouco sobre a questão.

Muito bem.

Evans saiu da proa e caminhou pelo convés. Do outro lado da amurada do navio, o oceano Pacífico vibrava em silêncio sob a madrugada. Ele imaginou as águas como um cérebro pensante.

— Senhor, se me permitir, gostaria de contar uma história. Para funcionar, preciso que compreenda os seguintes elementos: lobo, criança, avó e casa na floresta.

Todos esses elementos são facilmente compreensíveis, exceto “avó”. Sei que se trata de uma relação de parentesco entre humanos e que normalmente significa mulher de idade avançada. Só que o parentesco exato demanda mais explicações.

— Senhor, isso não é importante. Basta saber que a avó em questão e as crianças são bastante próximas. Ela é uma das únicas pessoas em que as crianças confiam.

Compreendido.

— Vou simplificar. A avó precisou sair, então deixou as crianças em casa e pediu para deixarem a porta fechada e não abrirem para mais ninguém além dela. Na estrada, a avó encontrou um lobo e foi devorada. O lobo vestiu as roupas da avó e assumiu sua aparência. Em seguida, foi até a casa, bateu à porta e disse para as crianças: “É a vovozinha. Voltei. Abram a porta”. As crianças olharam pela fresta da porta e viram o que parecia a avó, então abriram a porta, e o lobo entrou na casa e devorou todas elas. O senhor compreende a história?

Nem um pouco.

— Nesse caso, talvez eu tenha razão.

O lobo quis desde o início entrar na casa e devorar as crianças.
Correto?

— Correto.

Ele se comunicou com as crianças, correto?

— Correto.

É isso o que não compreendo. Para que pudesse atingir seu propósito, ele não deveria ter se comunicado com as crianças.

— Por quê?

Não é óbvio? Se uma comunicação fosse estabelecida, as crianças saberiam que o lobo queria entrar e devorá-las. Logo, não abririam a porta.

Evans ficou um instante em silêncio.

— Compreendo, senhor. Compreendo.

O que você compreende? O que eu disse não é óbvio?

— Seus pensamentos estão completamente expostos ao mundo exterior. O senhor é incapaz de escondê-los.

Como é possível esconder pensamentos? Suas ideias são confusas.

— O que eu tentei dizer é que seus pensamentos e suas memórias são transparentes para o mundo exterior, como um livro aberto, ou um filme projetado, ou um peixe em um aquário. Totalmente expostos. Imediatamente perceptíveis. Hum, talvez alguns dos elementos da história que acabei de contar sejam...

Compreendi todos. Mas isso não é perfeitamente natural?

Evans ficou em silêncio outra vez.

— Então é isso... Senhor, quando vocês se comunicam pessoalmente, tudo o que é comunicado é verdadeiro. Como é impossível enganar ou mentir, vocês são incapazes de um raciocínio estratégico complexo.

Nós podemos nos comunicar a grandes distâncias, não apenas pessoalmente. As palavras “enganar” e “mentir” são outras que tivemos dificuldade para compreender.

— Como é fazer parte de uma sociedade em que o pensamento é completamente transparente? Que tipo de cultura uma sociedade assim produz? Que tipo de política? Sem conspirações, sem fingimentos.

O que são “conspirações” e “fingimentos”?

Evans não respondeu.

Os órgãos humanos para comunicação não passam de uma deficiência evolutiva, de uma compensação necessária a uma incapacidade de emissão de ondas cerebrais potentes. Trata-se de uma de suas fraquezas biológicas. A exibição direta dos pensamentos é uma forma superior e mais eficiente de comunicação.

— Deficiência? Fraqueza? Não, o senhor está enganado. Desta vez, o senhor está completamente enganado.

É mesmo? Gostaria de pensar a respeito. É uma pena que você não possa enxergar meus pensamentos.

Desta vez, a interrupção foi mais demorada. Como depois de vinte minutos nenhum texto novo apareceu, Evans caminhou da proa até a popa do navio, observando um cardume saltar para fora da água e traçar um arco prateado na superfície estrelada do mar. Alguns anos antes, Evans havia passado um período a bordo de um barco pesqueiro no mar do Sul da China, estudando o efeito da pesca predatória no ecossistema litorâneo. Os pescadores chamavam o salto do cardume de “passagem de soldados-dragões”. Para Evans, parecia um texto projetado no olho do oceano. De repente, um texto realmente apareceu diante de seus olhos.

Você tem razão. Depois de repassar aqueles documentos, já compreendo o conteúdo um pouco melhor.

— Senhor, há um longo caminho até que vocês possam obter uma verdadeira compreensão da humanidade. Aliás, começo a ter receio de que vocês nunca cheguem a esse ponto.

Realmente, a humanidade é complicada. Por enquanto, a única coisa que sei é por que não a compreendia antes. Você tem razão.

— Senhor, vocês precisam de nós.

Eu tenho medo de vocês.

A conversa se interrompeu. Essa foi a última mensagem que Evans recebeu de Trissolaris. Ele ficou na popa, observando a superestrutura do *Juízo Final*, branca como a neve, estendendo-se nas brumas da noite como o passar do tempo.